

Vanderléia da Silva Oliveira

Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio

Caminhos do romance histórico brasileiro contemporâneo

No final do século XX e início do XXI a vertente da narrativa histórica se intensificou, resultando num subgênero denominado por alguns estudiosos como metaficção historiográfica, novo romance histórico ou narrativa de extração histórica, dentre outros termos. Aqui, interessa-nos a indicação de algumas obras e o modo como representam dois caminhos na produção atual brasileira¹.

Propõe-se, pois, a abordagem de alguns aspectos desta manifestação historiográfica no gênero romance, apontando-se autores brasileiros a ela vinculados, tais como Ana Miranda e Luiz Antônio de Assis Brasil, a fim de estabelecer algumas das características assumidas em seus escritos que acabem evidenciando a recuperação e a escrita da história nacional e literária, em diferentes contextos, por meio de recursos como os da carnavalização dos acontecimentos, revisão do passado, abordagem dialógica dos fatos, descentralização dos heróis oficiais, tendo em vista a representação de episódios do passado que releem o discurso histórico.

Observando-se a relação entre os fatos históricos e sua transposição para a ficção compreende-se ser o romancista quem configurará o discurso proposto, inserindo-o numa narrativa e numa determinada

¹ Este texto é recorte de estudos advindos de um projeto maior de pesquisa, desenvolvido no período de 2011 a 2013, sob o título *Literatura e história: a metaficção historiográfica brasileira*. Ao projeto vincularam-se diversos subprojetos em nível de iniciação científica na graduação. Compondo a análise aqui apresentada, agradeço as contribuições dos orientandos Edson Salviano Nery Pereira e Andressa Amorim, que investigaram, respectivamente, romances de autoria de Luiz Antônio de Assis Brasil, José Roberto Torero e Marcus Aurélio Pimenta.

localização espacial e temporal, visto que nesta sistematização do narrado, o ficcionista acaba por realizar algo impraticável para a História, que é a inversão do tempo cronológico, deslocando passado, presente e futuro, possibilitando uma experiência temporal nova sobre os fatos narrados. O estudo, portanto, do desenvolvimento e estado atual do gênero romance histórico pode apontar para uma espécie de revisão da história oficial brasileira ou mesmo da historiografia literária pelo viés da ficção.

Esta representação historiográfica no gênero romance revela algumas características que acabam evidenciando a recuperação e a escrita da história nacional, em diferentes contextos. No Brasil, Baumgarten (2000)² observa que

A leitura do conjunto dessa produção revela, pelo menos, a existência de dois caminhos que, preferencialmente, têm sido observados pelos autores: de um lado, situam-se as narrativas que focalizam acontecimentos integrantes da história oficial e, por vezes, definidores da própria constituição física das fronteiras brasileiras; de outro, aquelas que promovem a revisão do percurso desenvolvido pela história literária nacional. (p.170, grifo nosso).

A propósito daquelas obras que resgatam a história literária, Esteves³, em sua importante obra *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*, registra que:

Escrever a história da literatura a partir da própria literatura é um caminho bastante usado pela metaficção historiográfica. Evidentemente, nesse contexto a intertextualidade se faz não apenas com a escrita do próprio escritor protagonista da obra, mas também com toda a historiografia da literatura do período em que se insere o escritor. (2010, p. 123).

É bom destacar que o romance contemporâneo não é simplesmente a revificação do passado, como algo imobilizado pela história, mas

² Carlos Alexandre Baumgarten, “O novo romance histórico brasileiro” (*Via Atlântica*, São Paulo, n. 4, 2000), pp. 168-177.

³ Antônio Roberto Esteves, *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)* (São Paulo: Ed. UNESP, 2010).

uma revisitação que usa trajes e ideias do presente. Assim, o mundo ficcional acaba apresentando, no presente, a impressão do passado, oportunizando sua releitura pelo enredo estabelecido, via recriação artística do romancista. Oliveira (2003)⁴ observa que talvez seja por este aspecto que no século XX o gênero tenha assumido maior representação e se revelado como forma de expressão ideal para o momento moderno e, principalmente, pós-moderno, a ponto de surgir uma nova conceituação para sua configuração, originando o chamado Novo Romance Histórico, terminologia esta dada por Seymour Menton a um subgênero deste modo de narrar. Ele, particularmente, usa o termo para conceituar o novo romance histórico latino-americano, utilizado anteriormente pelo “[...] professor e crítico uruguaio Ángel Rama, em 1981, e, [que] desde então, [...] foi se aprimorando, principalmente a partir do artigo ‘El proceso de la nueva narrativa latinoamericana. De la historia y la parodia’, do também uruguaio Fernando Ainsa [...]” (apud Esteves, 1998, p. 132)⁵.

Tanto Ainsa, em *La nueva novela latinoamericana*⁶, e Menton, em *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*⁷, estabelecem características que diferenciam a narrativa do romance histórico tradicional em relação ao novo romance histórico. Os dois estudiosos enfocam questões semelhantes, que vão desde a assimilação dos conceitos bakthinianos ao texto, até à multiplicidade de perspectivas da narração e do conceito crítico de história. Para Menton, citado por Esteves (1998, p. 134)⁸, as características que representam

⁴ Vanderléia da Silva Oliveira, “A (des)construção do cânone pela ficção em A Última Quimera, de Ana Miranda” (*Revista Unopar Científica, Ciências Humanas e Educação*. Londrina, v. 4, n. 1, 2003).

⁵ Antônio Roberto Esteves, “O novo romance histórico brasileiro”, Letícia Zini Antunes (Org.), *Estudos de literatura e linguística* (São Paulo; Assis: Arte & Ciência, 1998), pp. 123-158.

⁶ Fernando Ainsa, “La nueva novela histórica latino-americana” (*Plural*, Mexico, n.240, 1991), pp. 82-5.

⁷ Seymour Menton, *La nueva novela histórica de la América Latina. 1949-1992* (Méjico: Fondo de Cultura Económica, 1993).

⁸ Antônio Roberto Esteves, “O novo romance histórico brasileiro”, Letícia Zini Antunes (Org.), *Estudos de literatura e linguística* (São Paulo; Assis: Arte & Ciência, 1998), pp. 123-158.

adequadamente as transformações sofridas pela narrativa histórica nos últimos tempos são:

[...] a representação mimética de determinado período histórico se subordina, em diferentes graus, à apresentação de algumas ideias filosóficas, segundo as quais é praticamente impossível se conhecer a verdade histórica ou a realidade, o caráter cíclico da história e, paradoxalmente, seu caráter imprevisível, que faz com que os acontecimentos mais inesperados e absurdos possam ocorrer; A distorção consciente da história mediante omissões, anacronismos e exageros; A ficcionalização de personagens históricos bem conhecidos, ao contrário da fórmula usada por Scott; A presença da metaficção ou de comentários do narrador sobre o processo de criação; Grande uso da intertextualidade, nos mais variados graus; Presença dos conceitos bakhtinianos de dialogia, carnavalização, paródia e heteroglossia.

Mencionamos, ainda, uma das características elencadas por Ainsa, que é a de releitura crítica da história, equivalente à segunda de Menton (apud Esteves, 1998, p. 133), porém em outros termos, visto que, para aquele, ela “[...] impugna a legitimação instaurada pelas versões oficiais da história. Neste sentido a literatura visa suprir as deficiências da historiografia tradicional, conservadora e preconceituosa, dando voz a tudo o que foi negado, silenciado ou perseguido pela história”.

É importante observar que há um considerável distanciamento ideológico e crítico entre a produção romanesca do século XVIII e XX. No romance do final do século XX e início do XXI, fundem-se os planos histórico e ficcional, evitando-se, assim, que se use a história simplesmente como pano de fundo. Entende-se, pois, que os romances históricos contemporâneos apresentam elementos textuais e extratextuais que os diferenciam dos romances históricos mais tradicionais e, como a definição de George Lukács não dá conta dessas produções, abre-se espaço para outras propostas críticas, como a do Novo Romance Histórico, de acordo com Menton, e a da Metaficção Historiográfica, conforme propõe Hutcheon⁹.

⁹ Linda Hutcheon, *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria e ficção* (Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1991).

A propósito de um ou outro termo dos acima referidos, o que se percebe é que o romance que se vale de fatos históricos tem possibilitado a revisão de determinados momentos de nossa história e, no caso da literatura, gerando o resgate de algumas de nossas figuras literárias, retomando o cânone, por exemplo, pelo viés da ficção.

Segundo José Antonio Pereira Ribeiro (1976, p.20)¹⁰, em seus estudos sobre o romance histórico no Brasil, o romancista é um doublé de historiador e literato que dá forma nova aos fatos, por meio da narrativa, re(a)presentando-os sob uma ótica interpretativa. Ele considera que são dois os elementos necessários para conceituarmos um romance como sendo histórico: que haja fato histórico real e ficcional. Certamente, este conceito, considerando as alterações sofridas pelo gênero, é de certo modo reduzido, visto que há inúmeras discussões que rondam este tipo de ficção. Sobre esta questão, no caso de uma análise mais profunda, pode-se recorrer aos estudos de Lukács nos quais ele aponta para o surgimento do romance histórico e fixa algumas de suas principais características textuais ao definir Walter Scott como criador do gênero e grande influenciador de outros escritores adeptos a este tipo de ficção. Deste modo, George Lukács (1977)¹¹ indica o nascimento do romance histórico no século XIX, com a publicação de *Ivanhoé*, de Walter Scott.

Carlos Mata Induráin (1995, pp. 13-6)¹² realiza uma retrospectiva sobre a evolução deste gênero vinculado ao romance histórico e apresenta tanto sua natureza, quanto seus antecedentes, além das causas de seu surgimento e estruturação. Ressaltamos que, ao final do estudo, o crítico fornece um considerável conceito de romance histórico, ao dizer que:

[...] en la novela histórica, la historia y la literatura se dan la mano, y de ese colocar la una cabe la otra resulta un diálogo, constructivo y a la vez ameno, entre pasado y presente, una reactualización de la experiencia pasada. La novela histórica es, por tanto, una invitación a la historia, una invitación a ampliar el

¹⁰ José Antônio Pereira Ribeiro, *O romance histórico na literatura brasileira* (São Paulo: Secr. da Cultura, Ciência e Tecnologia/CEC, 1976).

¹¹ Georg Lukács, *La novela histórica* (México: Era, 1977).

¹² Carlos Mata Induráin, “Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica”, K. Spans (ed.), *La novela histórica. Teoría y comentarios* (Barañain: U.N., 1995), pp. 13-65.

conocimiento de nuestro propio pasado y, en definitiva, el conocimiento de nosotros mismos [...]. (p. 60).

Entende-se ainda que para se compreender as narrativas que dialogam com a história, é necessário considerar elementos destas duas instâncias, uma vez que “o conceito de representação é uma falácia para ambas as narrativas, pois é impossível reconstruir o que já não existe” (Nunes, 1987 apud Weinhardt, 2011, p.21)¹³.

Segundo Walter Benjamin, em *Sobre o conceito de história*, (1994)¹⁴, “o passado traz consigo um índice misterioso que o impele à redenção” (p.223). Sob este aspecto, compreende-se que todo fato histórico carece de revisões, análises e reflexões sobre si e, muitas vezes, impele seus estudiosos para novas constatações e considerações, principalmente as que se voltam para aquilo que poderia ter sido dito, mas não o foi. Isto porque “a história é o objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’” (*idem*, p. 229). Afinal, para ele,

[...] não somos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não tem as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concebida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. (p.223).

Visto deste modo, entender a natureza de um fato histórico só é possível se, devido a sua ocorrência, os fatos se processarem, como afirma Benjamin:

Mas nenhum fato, meramente por ser causa, é só por si um fato histórico. Ele se transforma em fato histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem estar deles separados por milênios. O historiador consciente disso renuncia a

¹³ Marilene Weinhardt, *Ficção histórica e contemporânea: desdobramentos e deslocamentos* (Ponta Grossa. Editora UEPG, 2011).

¹⁴ Walter Benjamin, “Sobre o conceito da história”, *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (São Paulo: Brasiliense, 1994).

desfiar entre os dedos os acontecimentos, como as contas de um rosário. [...]. Com isso, ele funda um conceito do presente como um “agora” no qual se infiltram estilhaço do messiânico. (p.232).

Nas narrativas de extração histórica, portanto, ao preencher as lacunas da historiografia oficial com a ficção, o autor realiza uma leitura alternativa desse passado reconstruindo-o em meio a muitas possibilidades que poderiam ser apresentadas como verídicas. Esteves (1998) afirma que, neste sentido, a literatura tem “a clara função de desmistificar a história para tentar descobrir uma versão mais justa” (p.126), pois a história foi escrita sobre grandes heróis e vencedores, fazendo-se necessário dar voz aos esquecidos, oprimidos, excluídos, vencidos.

Sob esta perspectiva, percebe-se que o romance contemporâneo se utiliza do paradoxo da representação para confrontar e analisar o passado, criando assim o exercício de análise crítica do presente, ou seja, conhecer o passado para que se possa entender o presente. Hutcheon (1991) destaca, a propósito desta releitura, que “[...] faz parte da postura pós-modernista [...] confrontar os paradoxos da representação fictícia/histórica, do particular/geral e do presente/passado (p. 142)”.

Encontramos nos romances históricos da atualidade um novo posicionamento do romancista, sem a pretensão de transcrever fielmente os acontecimentos históricos, mas, antes, mostrar uma realidade negada pela historiografia oficial por meio do uso da paródia, do pastiche, da carnavalização, brincando com a história oficial. Assim, nas narrativas que se utilizam da extração histórica,

[...] o autor contemporâneo não se sente obrigado a copiar ou refletir o mundo externo e, assim, cria seu próprio universo sem sujeitar-se nem ao pacto da veracidade, que impõe o discurso histórico, nem ao pacto da verossimilhança, que mantinha, de certa forma, o discurso ficcional mais tradicional. (Esteves; Milton, 2007, p. 17)¹⁵.

¹⁵ Antônio Roberto Esteves e Heloisa Costa Milton, “Narrativas de Extração Histórica”, Ana Maria Carlos e Antônio Roberto Esteves (orgs), *Ficção e história: leituras de romances contemporâneos* (Assis: FCL – Assis – UNESP – Publicações, 2007).

No Brasil, Esteves (1998)¹⁶ observa que há uma grande variedade na produção das narrativas históricas, desde o fato de seus autores serem nomes canônicos da literatura brasileira como Rachel de Queiroz, Rubem Fonseca e Jorge Amado, como também de alguns deles serem mais jovens, como Luís Carlos Santana, Beto Mussa e José Roberto Torero, dentre outros. Segundo o estudioso esses autores descrevem por meio da ficção fatos históricos brasileiros, como ocorre, por exemplo, em *Mad Maria*, de Márcio Souza, que retrata a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré.

Nesta esteira, e incentivados pela comemoração dos quinhentos anos do Brasil, é possível encontrar, por exemplo, diversos títulos que revisitam o tema da descoberta da nova terra utilizando-se da paródia, da sátira, do pastiche ou outros recursos, pois este episódio histórico povoa a imaginação de muitos da nação brasileira. *Terra Papagalli* (2000), a propósito, obra de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, exemplifica esta revisão. Nela, são escolhidos sete condenados da frota de Cabral como “servidores de Deus” para ficarem nas novas terras, com o objetivo de explorar suas extensões e fazer contato com os “gentios”. Narrada em primeira pessoa, a obra apresenta, numa espécie de diário biográfico, as aventuras e desventuras de um dos degredados, Cosme Fernandes, narrador-protagonista, revelando outra face acerca da história do descobrimento e povoamento do Brasil por meio da paródia.

Também as histórias regionais são utilizadas pelos ficcionistas em suas narrativas históricas, como é o caso da história do Rio Grande do Sul, constantemente revisitada por Luiz Antonio de Assis Brasil. Uma de suas obras destaca-se pelo primoroso trabalho de escrita realizado pelo autor. Trata-se de *Videiras de Cristal*, de 1990, que revê a Revolta dos Muckers, conflito regional e religioso ocorrida no Sul do Brasil no final do século XIX, ocasionado pelo desentendimento entre fiéis protestantes e católicos contra os que aderiam a uma nova religião propagada por Jacobina Mentz Maurer. Em um misto de diário, cartas

¹⁶ Antônio Roberto Esteves, “O novo romance histórico brasileiro”, Letícia Zini Antunes (Org.), *Estudos de literatura e linguística* (São Paulo; Assis: Arte & Ciência, 1998), pp. 123-158.

e narrativas, a obra reconta a vida dos imigrantes alemães no Sul do Brasil, especificamente no Rio Grande do Sul, suas dificuldades, seus medos, sua força e fé. As mazelas de um povo, que luta para se firmar, são atreladas à pobreza cultural e à alta crueldade ao tratar aquilo que é estranho aos olhos de quem detém o poder. Estes elementos são utilizados pelo escritor para revisitar uma das mais importantes revoltas messiânicas ocorridas no Brasil, ao mesmo tempo em que recupera um “lugar” para a memória de Jacobina.

Além da revisitação histórica, a historiografia literária brasileira também tem recebido atenção dos romancistas. Podemos citar Graciliano Ramos revisitado por Silviano Santiago na obra *Em Liberdade*, de 1975, dentre tantos outros nomes que figuram no cânone literário ou que ficaram à margem da história literária oficial, como o dramaturgo Qorpo Santo, que é homenageado e revisitado por Luis Antônio de Assis Brasil, no romance *Cães da Província*, de 1987.

Outro bom exemplo dessa revisitação da historiografia literária é a obra *Clarice*, de Ana Miranda, de 1996, já conhecida por sua alta produção de narrativas com embasamento histórico aliando momentos, fatos e personagens históricos a escritores e escritoras do cânone literário brasileiro¹⁷. Nesta obra, Miranda recupera a também escritora Clarice Lispector como personagem ficcional, na qual é possível notar que em nenhum momento a narrativa trilha para o lado da biografia. Construída por meio de uma narrativa entremeada por referências a obras de Clarice e sua biografia, o romance de Miranda espera um leitor que, conhecendo a obra de sua personagem, possa estabelecer relações dialógicas com outras obras da romancista e contista brasileira. Miranda busca “traduzir” Lispector através de obras como *Perto do Coração Selvagem* (1943), *A Paixão segundo G.H.* (1964) e *A Hora da Estrela* (1977), ao mesmo tempo em que constrói um texto rico em metalinguagem e intertextualidade.

Valemo-nos, então, mais especificamente dos exemplos de Ana Miranda, com o romance *Dias e Dias* (2002)¹⁸, para abordar o

¹⁷ Algumas obras de sua autoria que enfocam a historiografia são: *Boca do Inferno*, 1989; *O Retrato do Rei*, 1991; *A Última Quimera*, 1995; *Desmundo*, 1996; *Amrik*, 1997; *Dias & Dias*, 2002. Todas publicadas pela Editora Cia das Letras.

¹⁸ Ana Miranda, *Dias e Dias* (São Paulo: Cia. das Letras, 2002).

caminho do resgate da história literária brasileira, e de Luiz Antônio de Assis Brasil, com o romance *A margem imóvel do Rio* (2003)¹⁹, para exemplificar o caminho de revisão histórica, no caso, a história em particular do Rio Grande do Sul.

Sobre Miranda, como observa Jabour²⁰ em sua dissertação sobre ficção e história no romance *Desmundo*,

[...] com exceção de *Sem pecado*, o conjunto dos romances de Ana Miranda trabalha a questão da identidade cultural brasileira na medida em que percorrem os cinco séculos da história do Brasil: *Desmundo* se passa na época do descobrimento em pleno século XVI; *Boca do inferno* resgata Gregório de Matos e o século XVIII; *O retrato do rei* aborda outro episódio do passado do Brasil, ao narrar a Guerra dos Emboabas, na qual paulistas e portugueses se defrontaram; *A última quimera*, que tem como personagem central Augusto dos Anjos, situa-se no final do século XIX e início do XX; *Amrik* também trabalha a recriação de época do século XIX, enfocando, no entanto, aspectos da imigração libanesa para a América e a chegada ao Brasil; e *Dias e dias* tem como personagem o poeta romântico Gonçalves Dias. (p.31).

É pela incorporação do espírito e dos temas românticos que Morais²¹, em análise do livro *Dias e Dias*,²² registra:

¹⁹ Luiz Antônio de Assis Brasil, *A Margem Imóvel do Rio* (Porto Alegre: L&PM, 2003).

²⁰ Luciana Ragone Jabour, *(Re)Contando a História: ficção e história no Desmundo de Ana Miranda*. Dissertação (Mestrado em Letras, área de concentração: Literatura Brasileira – Programa de Pós-graduação do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006).

²¹ Eunice Morais, “Dias e Dias, Ana Miranda” (*Revista Letras*, Curitiba, n. 60, jul./dez. 2003), pp. 457-459. Disponível em: <<http://www.revistalettras.ufpr.br/edicao/60/EuniceMorais-DiasEDias.pdf>> Acesso em 20 out. 2011.

²² A análise referente ao romance *Dias e Dias* equivale, em linhas gerais, ao tratado no capítulo “Dias e Dias (2002), de Ana Miranda: ficção e história na narrativa contemporânea” de minha autoria, publicado no livro *Instância de legitimação: processos de recepção e crítica literárias*, organizado por mim e por Ana Paula franco Nobile Brandileone e publicado pela Ed. Annablume, em 2013.

Os romances em que a autora utiliza o discurso biográfico trazem a marca da apropriação do estilo de cada um dos escritores biografados. É o pastiche do estilo de Gregório de Matos, Augusto dos Anjos, Clarice Lispector e Gonçalves Dias amarrado a uma perspectiva histórica atual e questionadora o que torna estes romances interessantes. (p. 457).

Em *Dias e Dias*, ao abordar a vida de Gonçalves Dias, é possível compreender que a autora oferece, discursivamente pela ficção, um mapeamento da história e da vida política e cultural do país do século XIX, desconstruindo certas relações estabelecidas entre passado, presente e futuro. Ao incorporar fatos históricos à invenção ficcional, recuperando a biografia de uma figura ilustre das letras nacionais, a romancista revela sua preocupação em desenvolver um projeto historiográfico e literário do Brasil, perceptível ao longo de sua trajetória de escritora.

Assim analisado, pode-se afirmar que a autora desenvolve o que Hutcheon categoriza como metaficção historiográfica, tendo em vista que esta “recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão na historiografia e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, constructos humanos, sistemas de significação” (1991, p.127)²³.

A obra se divide em nove capítulos, subdivididos em várias partes, que totalizam 144 micros capítulos, redigidos sob o título graficamente impresso como se fosse manuscrito ao estilo do século XIX, mais um epílogo, seguido de *Notas* da autora com indicações de fontes de pesquisa sobre a obra de Gonçalves Dias. Os paratextos, orelha, quarta capa e a nota, estimulam e enriquecem a leitura. Destaca-se, também, o fato de que os costumes e o contexto social da época está evidenciado, como observado por Botoso (2010)²⁴. Neste sentido, Esteves²⁵ argumenta, ao

²³ Linda Hutcheon, *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria e ficção* (Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1991).

²⁴ Altamir Botoso, “O entrelaçamento de história e ficção no romance a Última Quimera, de Ana Miranda” (*Miscelânea*, Assis, vol.7, jan./jun.2010).

²⁵ Antônio Roberto Esteves, *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)* (São Paulo: Ed. UNESP, 2010).

tecer análise sobre o romance, que a autora apresenta temas importantes para discussão, sendo os principais:

[...] o sentido de nacionalismo, literário e político, o papel da mestiçagem na identidade do brasileiro; as relações entre o intelectual e o estado, já que estes têm um discurso explícito em suas obras, mas outra práxis; o papel da mulher na sociedade brasileira do século XIX, com consequências até os dias atuais; a dinâmica entre centro e periferia, não apenas pela oposição entre um país periférico, como o Brasil, e os centros europeus, mas também entre as várias regiões periféricas em relação ao centro político e econômico do país. (p.147).

Há um capítulo, por exemplo, em que a narradora narra acontecimentos do período de independência do Brasil:

Os portugueses daqui não queriam nem ouvir falar em independência, diziam que a pobreza ia ser ainda maior se o Brasil fosse separado de Portugal. Mas a independência veio de qualquer jeito, e foi o próprio filho do rei quem deu o grito, e quando veio a Independência o coronel Fidié retirou-se em Caxias, onde tinha muitos seguidores portugueses. (Miranda, 2002, p. 36)²⁶.

À luz do conceito de metaficção historiográfica, no processo de interpretar ficcionalmente no presente o passado, Miranda recria a vida e a obra do poeta Gonçalves Dias, levando à leitura não só do cânone da época, mas também de alguns acontecimentos do Brasil do início do século XIX, articulando-os no espaço da linguagem. No entanto, é preciso registrar que a autora não opera uma revisão crítica do cânone estabelecido na figura e obra de Gonçalves Dias, pois o texto revela-se como uma obra de louvação ao estilo e à representação do poeta nas letras brasileiras. Diferentemente, por exemplo, do que ela produziu em *A Última Quimera*, na qual a figura de Augusto dos Anjos é realocada no painel da história literária, em contraponto à figura de Olavo Bilac (ver, a propósito a análise de Oliveira)²⁷. De todo modo, porém, não

²⁶ Ana Miranda, *Dias e Dias* (São Paulo: Cia. das Letras, 2002).

²⁷ Vanderléia da Silva Oliveira, “A (des)construção do cânone pela ficção em *A Última Quimera*, de Ana Miranda” (*Revista Unopar Científica, Ciências Humanas e Educação*. Londrina, v. 4, n. 1, 2003).

se deve negar que *Dias e Dias* também propicia uma discussão sobre os processos de canonização e a representação de autores e obras de nossa literatura, bem como sobre conceitos vinculados ao próprio fazer literário.

Quanto a Luiz Antônio de Assis Brasil, Ramos²⁸ sintetiza bem o valor de sua produção, registrando que

Dentro dessa linhagem de escritores gaúchos que trabalham com o passado do Rio Grande do Sul, Assis Brasil se sobrepõe pela obra alicerçada sobre pontos nevrálgicos da história do Estado. Nela perpassa a noção da impossibilidade de se chegar a um total conhecimento do passado, levando-se em conta a existência de vários pontos de vista da historiografia oficial, na qual sempre se privilegiam alguns fatos em detrimento de outros. Abrangendo o passado político-histórico do Rio Grande do Sul, seus livros constroem um painel evolutivo da história gaúcha, mas nesse painel nunca há um acordo tácito com as versões oficiais, sendo ponto forte de sua literatura a contestação da aura de grandiosidade e heroicidade dos homens do passado gaúcho. Em um processo literário que irá desaguar em *A margem imóvel do rio*, fica bem evidente: o que interessa ao escritor é mostrar que é o homem o autor, quem constrói a sua própria história. (Ramos, 2005, p.39-40).

Luiz Antônio de Assis Brasil publicou seu primeiro romance, *Um quarto de légua em quadro*, em 1976. *Videiras de cristal* (1990), *Concerto campestre* (1998), *Cães da província* (1987) e *O pintor de retratos* (2001) são alguns dos seus mais de dez romances. Já recebeu diversos prêmios, como Prêmio Literário Nacional, do Instituto Nacional do Livro, e Prêmio Portugal Telecom, dentre outros.

Em *A margem imóvel do Rio* (2003) o autor apresenta uma história que gira em torno das lembranças de um protagonista, o Cronista da Casa Imperial, que se considera e se denomina Historiador. Tem este a função de registrar os fatos da Coroa Imperial, em pleno século XIX. Deste modo, o personagem é responsável em explicar um episódio

²⁸ Alex Sandro Costa Ramos, *Nas margens da história e da literatura: A Margem Imóvel do Rio*, 2005. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em História da Literatura – Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande).

ocorrido numa das viagens do Monarca D. Pedro II junto com sua esposa, D. Teresa Cristina, à região de Rio Grande do Sul, há vinte e um anos. A partir deste fato, por mais que seja considerada pelo Monarca uma viagem como qualquer outra e sem importância, devido ao tempo que se passou, surge uma problematização que depende da recordação plena dos eventos da viagem para ser solucionada, o que também apresenta ao leitor boa oportunidade para se discutir sobre a memória como definidora da composição da narrativa.

O romance contém 50 capítulos pequenos, com mais dois a parte, um denominado *Um prólogo*, referente à introdução, que relata o funeral de Cecília, governanta da casa do Historiador; e outro, com o título *Um Epílogo*, representa o desfecho, descrevendo a volta do Historiador ao Rio de Janeiro, após a viagem de investigação, e o nascimento de um novo homem. Esses capítulos podem ser divididos em duas fases, uma que abrange o capítulo um ao trinta e seis, com a presença de um protagonista solitário, sem vida e alegria e, outra, a partir do capítulo trinta e nove, o qual traz o renascimento desse sujeito, com um espírito juvenil.

O protagonista exerce o poder de reconstruir os acontecimentos, apagando notas em seus cadernos de crônicas, visitando os lugares pelos quais D. Pedro II teria passado, entrevistando pessoas, recuperando os fatos pela memória. Neste percurso, acaba por questionar o próprio sentido da história, que fica a mercê de quem a escreve. Revela-se, pois, o sentido da revisão do discurso que se quer verdadeiro, exato. A busca pelo estancieiro, que fazia juz à promessa de D. Pedro II, acaba por revelar o real sentido de se escrever história e também o sentido da vida do próprio personagem, denominado *Historiador*.

Como bem analisa Ramos, o romance “*A margem imóvel do rio* é constituído a partir de uma concepção da história referendada pelo historiador, que a reconstitui de forma incompleta, pois os fatos são sempre passíveis de revisão” (2005, p. 59)²⁹. Assim sendo, o romance apresenta uma perspectiva de investigação sobre o fazer literário,

²⁹ Alex Sandro Costa Ramos, *Nas margens da história e da literatura: A Margem Imóvel do Rio*, 2005. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em História da Literatura – Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande).

que se vincula à própria concepção de história, apontando questões ligadas não apenas à identidade do povo rio-grandense, mas também sobre a fragmentação do discurso e a impossibilidade de registrar completamente os acontecimentos.

Como se vê, Ana Miranda e Assis Brasil se valem da relação entre literatura e história para comporem suas narrativas, comprovando que a literatura brasileira contemporânea tem cultivado este diálogo, que oferece inúmeras possibilidades de (re)invenção, seja com protagonistas que representam a história oficial ou com nomes da literatura nacional.

Assim sendo, entende-se que os romances históricos contemporâneos convergem para o caráter de releitura, ressignificação, revisitação e rememoração, conforme discutem Hutcheon (1991), Ainsa (1991) e Menton (1993), dentre outros estudiosos sobre a relação entre ficção e história.